CARLOS AUGUSTO BRANDÃO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.17-21>

Superando Desafios

Em 1998, no hospital Barão de Lucena na cidade de Recife, capital de Pernambuco, nascia eu, Carlos Augusto Brandão, com um nome que fazia homenagem ao meu pai, Carlos José, ao cantor José Augusto, o qual minha mãe era uma grande fã na época, e também com o sobrenome Brandão referente às origens da minha família paterna. Cresci sendo menino de prédio, jogando bola na rua e brincando de vídeo game com meus amigos do bairro e da escola. Minha primeira experiência com a educação foi em um colégio particular, o Santa Tereza, onde estudei desde o maternal até a 8ª série. Meu Ensino Médio foi em um colégio público, o Engenheiro Lauro Diniz, e como todo colégio público de bairro, tinha dificuldades financeiras e os professores, que às vezes não se importavam com o futuro dos estudantes. Já no final do Ensino Médio, surgiram professores, em especial prof. Ricardo de Matemática e prof. Sérgio de Linguagens, que tinham empenho de sobra para abrir a minha mente e a da turma, nos convidando para ficarmos depois da aula e até em fins de semana, respondendo questões do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), nos fazendo acreditar que o ensino superior poderia ser uma realidade pra nós.

Motivado a tentar, mas com o conhecimento insuficiente para enfrentar o Enem, meus pais me matricularam nos Caras de Pau do Vestibular, um pré-vestibular muito

conhecido no Recife por ter os preços mais em conta, permitindo que pessoas de classes mais baixas tivessem a oportunidade concorrer para ingressar numa universidade pública e de qualidade. Logo que saí do Ensino Médio, por inspiração do prof. Ricardo que era formado em Engenharia, meus planos eram cursar Engenharia de Produção, porém, na primeira semana do pré-vestibular, comecei a ver como era magnífico o mundo aos olhos das ciências da natureza. O ano de 2016 foi o que mais estudei em toda a minha vida, estudando de Domingo a Domingo; todos os meus dias eram no pré-vestibular, perdi as contas de quantas vezes cheguei lá com as salas completamente alagadas por causa das chuvas de Recife e tive que voltar pra casa quase que nadando, sem nunca pegar leptospirose, felizmente.

Tempos após o ENEM, a nota finalmente sai e começa o novo desafio, escolher um curso no Sistema de Seleção Unificada (SISU). Esses dias foram de extrema indecisão, quase que todo dia eu mudava de curso, pensava em Engenharia, Enfermagem, Publicidade e Propaganda, Filosofia e Jornalismo. No último dia do SISU, Maria Eduarda, uma amiga do pré-vestibular, me falou da existência da Biomedicina, e rapidamente fui atrás de saber sobre o curso e gostei muito do que li, o que me fez colocar ele como primeira opção. Após ter a cabeça raspada e fazer a matrícula na UFPE, caiu a ficha de que um dos meus objetivos tinha sido alcançado, eu me senti o próprio Projota na música “Muleque de Vila”, principalmente por minhas origens, sendo morador da Vila do Ipsep, no Recife. Foi muita felicidade, compartilhei esse sentimento com familiares, amigos e, principalmente, com os professores que tornaram possível o meu ingresso no curso de Bacharelado em Biomedicina na UFPE.

Chegou 2017, ingressei no curso e já de cara observei como o campus universitário era muito diferente de todos os lugares no qual eu já havia estado. Como todo mundo, tive muitas dificuldades logo no início, principalmente pelo meu curso ser em horário integral, o que me fazia passar o dia todo no campus. Por sorte, conheci pessoas muito maravilhosas naquele lugar, tanto alunos como professores, e isso com toda certeza foi o que me fez superar as dificuldades no primeiro período, quando fui pra final em Bioquímica, Histologia e Embriologia.

Nesse momento eu tive o meu primeiro tombo no curso superior; o sentimento de ter falhado nas disciplinas me fez pensar se realmente eu deveria continuar em um

curso da área de saúde, haja visto falhar também no futuro, como profissional biomédico, pode resultar em graves consequências na vida de pacientes, e essas consequências nas piores hipóteses pode ser a perda do maior bem dele, a vida. Refletindo muito sobre, decidi continuar, mas, fiz a promessa de que dali em diante daria o melhor de mim em todos os momentos, não dando oportunidade para o erro, buscando sempre ser o melhor profissional possível.

Após essa decisão, decidi estudar para essas avaliações como se não houvesse amanhã, o que me garantiu aprovação nelas com notas acima da média, mesmo tendo ido para avaliação final. Meus próximos períodos tiveram uma disciplina e dedicação 100% maior, busquei grupos de estudo, monitorias, extensões, ligas acadêmicas e participação em eventos, o que me rendeu amizade com outros alunos da minha turma e com pessoas de várias áreas das ciências da saúde.

Uma dessas pessoas da turma que conheci melhor e pude me aproximar foi o Alexandre Lima, uma pessoa sensacional que estudou no mesmo período que eu no pré-vestibular, entrou no mesmo curso que eu, mas, a oportunidade dos nossos caminhos se cruzarem só chegou depois. Alexandre sempre foi uma das pessoas mais proativas que já conheci, é incrível a forma como ele consegue ser multitarefas, como ele consegue estudar, administrar e empreender, e isso me deixou muito curioso, dando espaço para conhecer ele e seus projetos de vida. Foi numa dessas conversas que descobri a existência do IIDV, um instituto que tinha como missão despertar vocação de estudantes para várias áreas do conhecimento, sendo a luz para a escuridão que existe na cabeça dos jovens que são muito confusos com o seu futuro, como eu já fui um dia, e esse instituto realizava encontros no IFPE, bem perto da UFPE, o que tornou pra mim quase obrigação conhecer o IIDV e as pessoas que tornavam esse instituto real.

Na minha primeira reunião com o IIDV, fiquei surpreso com as iniciativas que eram planejadas naquele local, e ainda mais impactado com a confiança que os professores depositavam nos estudantes, confiando tarefas como organização, comunicação e logística para a realização de atividades. Achei que tudo aquilo era loucura, não acreditava que as atividades realizadas pelo instituto com tanta magnitude tinham como organizadores jovens alunos. Encantado com o funcionamento do instituto e muito bem recebido pelo professor Erick Viana e companhia, decidi continuar

frequentando as reuniões e ver o que poderia acontecer no meu futuro. Minha primeira missão no IIDV foi dar os primeiros passos no desenvolvimento do Programa Internacional Despertando Vocações para Ciências da Saúde (PDVS), trabalhando em conjunto com alunos da área de saúde e profissionais já formados.

Além do desenvolvimento do PDVS, um outro grande desafio no meu primeiro ano foi a participação como monitor no COINTER PDV 2019, e foi nesse momento que senti na pele toda a confiança que os professores colocavam na gente, em como tudo aquilo era loucura, e que mesmo sendo loucura era uma coisa sensacional, nós nos sentíamos verdadeiros profissionais tendo que lidar com parte dos desafios que é fazer um congresso internacional dar certo. A participação no evento me deixou mais forte, fortalecendo as minhas raízes no IIDV e me abrindo portas para novas oportunidades dentro do instituto.

Infelizmente, o ano de 2020 trouxe grandes desafios. Devido à pandemia, meu semestre letivo foi pausado logo no início, todas as minhas atividades presenciais, como o projeto de extensão UFPE SOS MAR, a Liga de Hematologia Clínica de Laboratorial da UFPE, e a minha iniciação científica foram totalmente interrompidas, mas, por uma boa causa, garantir a nossa segurança. Acontecimentos como esse me fazem refletir sobre o como a vida pode mudar de uma hora para outra, em como grande parte dos acontecimentos não são totalmente planejados, simplesmente acontecem, e a pandemia não somente aconteceu, como também nos obrigou a aderir comportamentos totalmente diferentes dos que estávamos acostumados.

As primeiras semanas da pandemia com o isolamento social tornaram meus dias monótonos, baseados totalmente em acordar, comer e dormir. Com o passar das semanas, ao ver que o isolamento e a pandemia iriam se entender mais do que gostaríamos, aos poucos foram surgindo algumas atividades para serem realizadas de forma remota, como cursos, aulas e eventos.

No fundo eu sentia que apenas participar dessas atividades não estava me tornando realizado como pessoa, o protagonismo que tanto escutei no IIDV me fez querer sair do papel de ouvinte e me tornar administrador. Depois de várias reuniões, alguns projetos foram inicialmente planejados e era hora de colocar o trabalho em

prática de forma remota. Um dos problemas que eu e meus amigos de curso de Biomedicina vimos durante a pandemia foi a questão das fake news, pois, coisas que para nós, alunos de Biomedicina eram tremendos absurdos, para a população, tais informações viravam verdades de tanto que eram vistas e comentadas.

Tínhamos que fazer alguma coisa para mudar essa realidade, e a nossa ideia foi utilizar as mídias sociais para divulgação da ciência, e foi aí que nasceu o instagram do @scientizando. Ao ver que as atividades remotas podiam sim funcionar bem, fiquei curioso e comecei a buscar me informar mais sobre o assunto, e mais uma vez fiquei surpreso em como o IIDV estava à frente do tempo, oferecendo um curso sobre Educação à distância e como ministrar cursos na plataforma do IDVLearning.

As dificuldades nas atividades remotas existem, mas a vontade de fazer acontecer é quem dá a palavra final, e a palavra final é que o COINTER PDVS 2020 vai acontecer, sim, e, diferente de todos os seus anos, vai ser totalmente remoto. Nesse evento estou tendo a honra de atuar como membro da comissão organizadora, me dando a oportunidade de trabalhar lado a lado com professores e profissionais de vários países, e eu não imaginaria onde eu conseguiria tudo isso sem participar do IIDV!